
***A minha actividade profissional como
Pianista acompanhador***

Memória

Ángel María González Casado

A minha actividade profissional como Pianista acompanhador
Memória

A minha intenção ao escrever esta breve memória é a de descrever a minha experiência como Pianista Acompanhador durante os últimos trinta anos. Desse modo, aspiro a contribuir para uma melhor compreensão das funções que desempenho na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo (IPP), e da relevância que a minha experiência artística teve e tem para a concretização dessas tarefas.

A figura do pianista acompanhador representa um tipo muito particular de especialização musical. A sua intervenção no meio educativo é considerada essencial para o reforço da experiência performativa dos alunos. Ainda, o desempenho desta função no âmbito do ensino superior é revestido de uma importância particular, visto que os alunos deste nível se encontram já nos últimos estádios de aprendizagem formal, enquanto intérpretes.

São muitas as funções que o pianista acompanhador desempenha ao longo da sua vida académica, destacando-se o apoio efectivo ao aluno nas aulas com o seu professor de instrumento, e a realização de ensaios individuais de preparação para audições, provas, recitais e concursos, cursos externos, *master-classes*, gravações, etc.

Uma das peculiaridades que demarca o pianista acompanhador dos outros intérpretes instrumentais reside na extrema exigência do seu trabalho, no que diz respeito à grande quantidade e variedade de repertório abordado, sempre abrangendo diversas realidades estilísticas e especialidades instrumentais.

Esta situação traduz-se na necessidade de aprender, ensaiar e finalmente interpretar publicamente esse extenso corpo de obras, por vezes de dificuldade transcendente, e ainda dentro de exíguas margens temporais de preparação. Um facto agravante deriva da necessidade de executar esse repertório de forma muito concentrada no plano temporal, nomeadamente em época de exames¹.

Essa tarefa exige da parte do professor acompanhador uma grande capacidade de organização e auto-gestão, de concentração, resiliência, flexibilidade musical e adaptabilidade. Este, na minha óptica, deve também possuir qualidades pessoais que permitam uma colaboração fluente com o resto da comunidade escolar. Isto reflecte-se, na prática, num ajuste efectivo a estilos pessoais e de aprendizagem tão variados como o número de alunos acompanhados, e aos diversos estilos pedagógicos dos colegas professores de instrumento/voz e maestros com quem colabora.

O estabelecimento de uma relação de confiança e empatia neste triângulo professor/aluno/acompanhador é crucial para o sucesso artístico do aluno. Estes aspectos psicológicos e de comunicação inter-pessoal não podem ser subvalorizados neste enquadramento: um pianista acompanhador deverá ser capaz de infundir confiança no aluno, guiando-o e estimulando-o através do processo de construção da interpretação, fortalecendo a sua capacidade de iniciativa, e ao mesmo tempo colaborando com o professor de

¹ Tipicamente, um pianista acompanhador no nível superior deverá estar preparado para tocar vinte e cinco ou trinta horas de música no espaço de dois ou três dias, e com frequência em sessões que podem durar até três ou quatro horas sem descanso.

instrumento estritamente dentro dos parâmetros pedagógicos e artísticos estabelecidos por este.

Sendo a figura do pianista acompanhador uma presença ubíqua no meio educativo, como vimos, resulta paradoxal o facto de não existir formação específica para os profissionais que irão desempenhar esta especialidade. Por um lado, a atenção conferida ao desenvolvimento da leitura à primeira vista nos estudos de piano é quase inexistente. Por outro, o sistema de ensino superior não oferece uma licenciatura específica aos futuros profissionais da especialidade. Esta realidade resulta difícil de sustentar num meio onde se verifica uma crescente procura de profissionais qualificados. Frequentemente, e devido a este vazio de formação, as vagas são muitas vezes preenchidas por indivíduos que não possuem a experiência e preparação necessárias para cumprir cabalmente esta exigente carreira profissional.

Mas como chega o jovem profissional, ainda sem uma formação específica, a atingir o nível que lhe permite responder às muitas exigências desta carreira? O confronto referido do pianista acompanhador com um volume crescente de repertório provoca necessariamente uma resposta que visa tornar possível a feliz concretização da tarefa. A capacidade de leitura fluente é, sem dúvida, um dos pilares nesta especialidade. Mais, o pianista acompanhador necessita de adquirir uma visão de conjunto das dificuldades que enfrenta, para assim poder racionalizar ao máximo o seu tempo de preparação. Se a capacidade de leitura à primeira vista é essencial, mais ainda será a competência para planificar e preparar os desafios de cada situação de ensaio e aula, durante todo o ano lectivo.

As competências do professor acompanhador não se limitam a uma leitura à primeira vista impecável, até porque uma parte do repertório apresenta dificuldades demasiado transcendentais para serem resolvidas espontaneamente através da simples leitura. Será crucial para este profissional o desenvolvimento da capacidade de “pôr de pé” numerosas peças, de forma a que fiquem disponíveis para o trabalho inicial nas aulas e nos ensaios.

Essa “montagem” provisória mais não é do que uma variante simplificada do original. Essa versão é o fruto de uma reflexão rápida e inteligente sobre o conteúdo expressivo e estético da peça. Ela, por assim dizer, é fiel ao espírito da obra, e não tanto ao texto literal. Com a competência para gerar estas *versões provisórias*, num curto espaço de tempo, o pianista ganha a batalha da simultaneidade, e a possibilidade de apoiar um número elevado de alunos através de um acompanhamento pianístico que não compromete a junção (nos ensaios iniciais), nem a verdade artística do repertório.

Reflectindo sobre o meu caso pessoal, pergunto quais terão sido os factores no meu percurso que me capacitaram para a execução destas tarefas. Descubro, nas minhas primeiras lembranças infantis, um fascínio absoluto pela notação musical: esses papéis, cheios de símbolos arcanos, parecidos com hieróglifos, exerciam uma atracção poderosa sobre mim, despoletando a curiosidade do encontro e da descoberta. O conhecimento de que esses símbolos representavam os sons e ritmos das músicas que eu tanto amava, despoletou certamente uma atracção pela música escrita que me acompanharia para sempre.

Nos começos, a aspiração primordial de cada estudante de música é a de penetrar nesse complexo universo da partitura, decifrando-a. Nesse estágio inicial, a leitura aproxima-se a um vagaroso decifrar, mais do que a uma plácida descoberta. Ainda hoje, quando revejo as minhas primeiras partituras, reparo com alguma nostalgia nos meus rabiscos a lápis com os nomes das notas, que me terão permitido, porventura, tocar aquelas pequenas peças com alguma continuidade e sentido musical.

Sempre senti um fascínio pela prática da leitura à primeira vista, e em geral pelo contacto com a música impressa. Os meus progressos nos primeiros anos de formação foram acompanhados por uma paixão verdadeiramente voraz: ler toda a música que caia nas minhas mãos. Com apenas catorze ou quinze anos já tinha tentado a minha sorte com a maior parte das sonatas de Haydn e Mozart, numerosas peças de Beethoven, Schubert, Schumann, Chopin, assim como numerosas páginas de música espanhola (Albéniz, Granados, Falla, Turina, Mompou, etc.)

Olhando em retrospectiva, redescubro nessas experiências iniciais realizações ingénuas e certamente imperfeitas, mas sempre animadas por uma paixão lúdica e prazenteira. Penso que grande parte da naturalidade com que hoje me permito abordar as situações “de risco” – aquelas que exigem uma resposta instintiva e imediata perante a leitura – é devida a esse investimento realizado na minha infância e adolescência.

A leitura à primeira vista é uma faceta estritamente ligada à especialidade do acompanhamento pianístico. Esta actividade serve, de facto, como

paradigma das situações reais da prática musical em que o músico deve conviver com a necessidade de tocar uma partitura sem estudo prévio. Tal como no caso da leitura musical, a leitura à primeira vista é uma área da realização musical pela qual sempre mantive particular interesse, tendo dedicado muita atenção durante a minha formação ao seu aperfeiçoamento.

No meu percurso já como jovem profissional, percebi que não seria através do ensino do piano que atingiria a minha realização pessoal como músico. A minha disposição e talento pessoais pareciam muito mais orientados para a prática instrumental.

Descobri igualmente, através das minhas experiências iniciais, que o trabalho solitário do instrumentista não seria suficiente para preencher os meus anseios profissionais. O desejo de colaborar com os outros, orientando o esforço comum para a realização de música em conjunto, fez-me conhecer mais de perto o vastíssimo repertório de música de câmara, assim como as compensações do trabalho de acompanhamento pianístico. Os valores de interacção dinâmica e de partilha com os outros mostravam-me inequivocamente que a carreira de pianista acompanhador poderia ser não apenas uma forma de vida, mas também uma actividade capaz de me proporcionar grandes satisfações como músico. A oportunidade de, já em Áustria, trabalhar com numerosos cantores como acompanhador *freelance* fez-me abraçar de maneira mais comprometida outra das minhas antigas paixões musicais, a literatura vocal (*Lied*, ópera e oratória).

Talvez seja precisamente através do contacto com a voz - o primeiro entre todos os instrumentos! -, e dos

tesouros desses magníficos repertórios, que um pianista pode encontrar a chave de muitos dos segredos do acompanhamento: uma ligação com o domínio físico, com o som, com a percepção do esforço e a necessidade de ouvir e sentir intimamente *o outro*.

Espero, numa próxima ocasião, a oportunidade para ilustrar com exemplos concretos, extraídos da literatura, as ideias apresentadas nesta breve memória.

Concluindo, devo dizer que sinto o dever de reclamar a atenção e dignidade que esta actividade de professor acompanhador merece. Longe de representar o papel passivo e “discreto” que por vezes é percebido desde fora, acredito profundamente que um bom acompanhador deve ser uma figura flexível, dinâmica e assertiva. Para além de ser um bom comunicador, através das palavras e da própria música, a presença do pianista acompanhador deve ser capaz de transmitir os valores de humanismo e saudável e democrática cooperação inerentes à criação musical.